

**EDWIGES DE SÁ PEREIRA: UM BREVE OLHAR SOBRE A POESIA
FEMININA PERNAMBUCANA**

Ms Walter Valdevino do Amaral
Universidade Católica de Pernambuco
walterdoc@gmail.com
Profa. Dra. Emanuela Sousa Ribeiro
eribeiro@unicap.br

Traços biográficos da poetisa

A poetisa Edwiges de Sá Pereira nasceu no dia 25 de outubro de 1884, no pequeno município de Barreiros, localizado na Zona da Mata Sul de Pernambuco. Filha do Dr. José Bonifácio de Sá Pereira (bacharel em direito e senhor de engenho) e D. Maria Amélia Rocha de Sá Pereira (dona de casa). Ela teve 12 irmãos, entre eles, destacamos: Virgílio de Sá Pereira (advogado), Eugenio de Sá Pereira (advogado e poeta), Eurico Sá Pereira (advogado e jornalista).

Já na infância ela demonstrava ter uma forte inclinação pela literatura, especialmente pela arte da poesia. Entre os 12 e 13 anos, juntamente com o seu irmão, Eugenio de Sá Pereira, criou o *Echo Juvenil*, jornalzinho manuscrito composto por pequenos textos e poesias. O mesmo circulava somente entre as pessoas da família. Em 1897, algumas de suas poesias que se encontravam no *Echo Juvenil*, foram publicadas no jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro, neste mesmo jornal havia uma crônica do escritor Arthur de Azevedo, apresentando a poetisa pernambucana de apenas 13 anos de idade. A pequena poetisa do interior de Pernambuco começava a ser, conhecida e reconhecida.

Em 1901, a Academia Pernambucana de Letras, ela foi convidada para ser sócia correspondente da Academia – função que exerceu até o ano de 1920, quando dia 13 de maio deste mesmo ano, passou a ser membro efetivo desta agremiação, tornando-se a primeira mulher a fazer parte do corpo efetivo de uma Academia de Letras no país.

Em fins de 1901, o Dr. José Bonifácio de Sá Pereira vendeu o seu engenho em Barreiros, e juntamente com a sua família mudou-se para o Recife, onde conseguiu um

emprego no governo do Estado. Na capital pernambucana, ela concluiu os seus estudos na Escola Normal do Recife, onde lecionou as disciplinas de Prática Didática e Pedagogia. Também foi professora de Português do curso Comercial do Colégio Eucarístico e professora de História Geral e do Brasil no Instituto Nossa Senhora do Carmo. E ainda no campo da educação exerceu a função de Superintendente de Ensino nos Grupos Escolares da Capital, cargo no qual se aposentou.

Em 1902, Edwiges de Sá Pereira, juntamente com Amelia Freitas Bevilacqua, Candida Duarte Barros, Maria Augusta Freire, Belmira Villarim, Adalgisa Duarte Ribeiro e Luiza Ramalho, o fundou a revista *O Lyrio*. Neste periódico, ela publicou algumas de suas poesias, como: *Magno Sonho* (ano 1, n. 2, 1902), *A um raio de sol* (ano 2, n. 6, 1903) e *Coração* (ano 3, n. 15, 1904), escritas por Edwiges de Sá Pereira.

Ela teve uma intensa participação na imprensa pernambucana: com o seu irmão Eugenio e o amigo Caetano Andrade, criou a revista *Azul e Ouro*; foi cronista do *Jornal Pequeno*; e publicou alguns trabalhos nos jornais *Diário de Pernambuco*, *Jornal do Commercio*, *Jornal do Recife*, *O Tempo* entre outros (Cf. PEREIRA, 1928, p. 30). Também publicou alguns artigos e poesias em periódicos de outros Estados, como: a *Revista de Sciencias e Letras*, e nos jornais *Norte e Brasil Social* (Rio de Janeiro); na *Revista Educação* e na *Revista Feminina* (São Paulo); no jornal *O Escrínio* (Rio Grande do Sul).

No final da década de 1920, um grupo de pernambucanas que defendiam uma maior inclusão da mulher na sociedade começou a realizar algumas reuniões na residência da poetisa Edwiges de Sá Pereira. Em 10 de novembro de 1931, este grupo criou a da Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino, tendo Edwiges como sua presidente – função que exerceu até 1935, quando passou a ser Presidente de Honra até o dia 22 de dezembro de 1937, quando a Federação Pernambucana pelo Progresso Feminino encerrou os seus trabalhos (Cf.: LIVRO de Actas das sessões Extraordinarias e de Assembléa Geral).

No dia 14 de agosto de 1958, aos 73 anos de idade, Edwiges de Sá Pereira, que já convivía com uma trombose cerebral, começou a agonizar e faleceu na sua residência, localizada na Rua Conselheiro Portela, no bairro Espinheiro. Ela foi sepultada no Cemitério de Santo Amaro, e durante o seu velório o professor Valdemar de Oliveira fez um discurso em nome da Academia Pernambucana de Letras.

A história de vida de Edwiges de Sá Pereira está fortemente marcada pela sua intensa atuação como escritora, educadora e ativista social. Mas foi com os seus versos,

que esta pernambucana encontrou um reconhecimento no cenário nacional. A seguir, traçaremos um breve panorama da sua produção poética, tendo como base os livros *Campesinas* e *Horas Inúteis*, pois mesmos se destacam dentro do conjunto de suas obras, por representam dois períodos distintos da sua escrita, *Campesinas* como o primeiro livro que escreveu e *Horas Inúteis* como seu último.

O despertar de uma poetisa

A produção literária da pequena menina do município de Barreiros, assustava a muitos. Todos que conheciam a sua obra queriam conhecê-la, queriam saber como se deu tão precocemente a sua formação literária. Ela dizia que não sabia muito bem explicar como havia despertando para a literatura, mas lembrava que:

Uma viva curiosidade impelliu-me, desde muito creança, para os livros. Lia-os ás claras, quando possível, e ás occultas se o ciume dos donos (meus irmãos mais velhos) receava pelo trato delles em minhas mãos infantis. Copiava versos, como exercicios calligraphicos; escrevia ingenuas phantasias, como exercicios de redacção e orthographia. O verso attrahia-me. Decorava-o sem conta e recitava-o em família, declarando aos que me ouviam que, *quando eu crescesse, haveria de ser poeta...* É comecei a rimar a todo proposito e sem proposito: eram quadras, em geral, humoristicas, brincadeiras familiares (PEREIRA, 1928, p. 29).

Edwiges de Sá Pereira escreveu os seus os primeiros versos ainda na infância. Em 1895, quando tinha apenas 11 anos de idade, compôs o poema *Saudade*, no qual, segundo Kleyton Wanderley, ela demonstrava ter “[...] não só o domínio dos artificios literários, como também a abertura sensível de uma alma tão nova para a tão bela compreensão do ferino sentimento que a saudade causa nos corações humanos” (2008, p. 116). Vejamos, pois os seus versos:

Dizem que és mimosa e perfumada / Guardas no seio o rocio da candura / És de aparência fina e delicada / Tens uma olência delicada e pura. // Vejo enlevada nessa tua alvura / Tão conhecida, tão preconizada / Uma infinita multidão prostrada, / Rendendo preito à tua formosura. // És o emblema da ternura, dizem! / E a mim que importa que de boa e santa / Teus adeptos loucos te batizem? // Ferinas setas me atiraste ao seio / Mágoas me deste, desventura tanta... / És perversa, Saudade, ó sim... te odeio. (PEREIRA in: FERREIRA, 1996, p. 74)

Em 1897, por iniciativa do escritor Arthur de Azevedo, algumas de suas poesias foram publicadas no jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro. Foi a partir desta data, que as suas poesias, até então, conhecidas apenas por familiares e amigos, passaram a serem lidas por um número maior de leitores.

A publicação dos primeiros versos em *Campesinas*

Numa viagem ao município de Barreiros, o jurista e poeta, Dr. Antonio de Souza Pinto, conheceu Edwiges e lhe pediu para ver a sua coletânea de poesias. Ao terminar de ler os seus versos, ele a pediu autorização para publicá-las no formato de livro. Assim, em 1901, aos 17 anos de idade, Edwiges publicou o seu primeiro livro, o qual foi intitulado de *Campesinas*, este era composto por 51 poesias, e um prefácio do Dr. Antonio Souza Pinto. Esta obra foi muito bem aceita pelos críticos pernambucanos, que lhe fizeram inúmeros elogios.

Infelizmente não faremos uma análise mais detalhada sobre o livro *Campesinas*, pelo fato de não termos o encontrado. Mas graças ao trabalho *História Geral da Literatura Pernambucana*, do imortal Mariano Lemos, poderemos citar o poema *A uma estrela*, publicado em 1901 no livro *Campesinas*. Vejamos então, o que nos diz os seus versos:

Áquela estrêla que acompanha a lua / Eu, curiosa perguntei um dia: / –
Qual de vós vale mais, a que flutua / No céu azul da minha fantasia, //
Ou tu que, no correr da noite fria, / Erras no céu assim, pálida e nua, /
Das esferas ouvindo essa harmonia / Que, até ouvi-la o velho mar
estua? // E a clara estrêla disse-me: “Criança, / Quando fanada a
última esperança, / A alma ficar-te de ilusão vazia. // Inda hás de ver-
me fulgurar, divina; / Mas, onde encontrarás a que ilumina / O céu
azul da tua fantasia?” (PEREIRA *in*: LEMOS, 1955, p. 132)

***Horas Inúteis*: os últimos versos**

Quando faleceu em 1958, a poetisa Edwiges de Sá Pereira deixou manuscrito um livro de poesias, intitulado por ela mesma de *Horas Inúteis*, o qual continha 53 poemas, alguns inéditos e outros que já haviam sido publicados em periódicos. Em junho de 1960, por iniciativa de sua sobrinha, Hebe de Sá Pereira, este livro foi publicado pela Imprensa Oficial.

No prefácio desta publicação póstuma, o professor Jordão Emerenciano, fez breves considerações sobre a personalidade da autora, da sua importância para a história da Academia Pernambucana de Letras e sobre o valor desta publicação para o campo literário do Estado, pois ele acreditava que:

Este livro, “Horas Inúteis” é um pouco a síntese de tudo isto porque os seus sonetos e poemas contêm os reflexos de sua atividade varia e diversificada e a motivação de toda uma vida que teve também os seus dias de luta e de sonho, de ideal e de poesia.

Editando-se o livro a que D. Edwiges deu o nome de “horas inúteis” não sómente se divulgam sonetos e poemas que merecem as honras de uma edição, como se presta uma homenagem a uma memória que será sempre querida e saudosa na “ilustre companhia” (EMERECIANO *in*: PEREIRA, 1960, p. II).

Analisando o manuscrito de *Horas Inúteis* e o livro publicado em 1960, verificamos algumas diferenças entre os eles: primeira, o manuscrito é composto por 53 poemas, e o publicado por 59; segunda, no manuscrito encontramos as poesias *Abril*, *Sacreé Musique*, *Auta de Souza*, *O Violino*, *Miss* e *A Caça*, as quais não se encontram no publicado; terceira, é que dois poemas foram publicados com títulos diferentes do que estão no manuscrito, são eles *Perola Oculta* e *Prece Infantil*, que foram publicados como *Perola Ignota* e *Cantico*; e quarta, a ordem em que os poemas foram distribuídos no manuscrito não é a mesma que vemos no publicado.

As influências poéticas

Na elaboração de suas poesias Edwiges primava pela sacralidade da forma, pelo preciosismo do vocabulário e da rima, pela preferência por estruturas fixas, como o soneto, que representa uma forma poética fixa composta por quatro estrofes, sendo dois quartetos (estrofe com quatro versos) e dois tercetos (estrofe com três versos).

A presença destas características, na elaboração da sua escrita, demonstra que a poetisa teve uma forte influência da escola parnasiana, a qual se caracteriza pelo “[...] gosto da descrição nitída (a mimise pela memise), concepções tradicionalistas sobre metro, ritmo e ritma e, no fundo, o ideal da impessoalidade que partilhavam com os realistas do tempo” (BOSI, 1994, p. 219-220).

O poema *Capitólio*, publicado em 1960, é sem dúvida, entre todos os seus versos, o que melhor representa a sua formação parnasiana, pois na epígrafe Edwiges faz uma referência explícita a poesia *Profissão de fé*, de Olavo Bilac, considerado um dos poemas mais representativos do parnasianismo brasileiro. Vejamos o poema:

Não morrerás, Deusa sublime! / De trono egrégio / Assistirás intacta
ao crime / De sacrilégio. (Olavo Bilac)

Hás de viver eternamente, ó verso, / Nos velhos moldes: no esplendor que anima / A luz no movimento do Universo! / O amor na lei da Natureza oprima! // Quando não mais surgisse um som disperso / Do hemisfério, da métrica e da rima, / Sobram-te louros de um parnaso terso: / Nunca a seara dos Gênios se dizima! // Não medra o esforço do que finge odiar-te. / Qual haverá que um dardo acerte dentre / Os que desdenham teu prestígio de arte? // Qual haverá que um poema legue, ovante, / Ao mundo, e o mundo o leia e se concentre / Como se lê Camões, Homero, Dante?! (PEREIRA, 1960, p. 35-36)

Nas suas poesias, também encontramos a presença de uma constante valorização pelo subjetivismo e do inconsciente, como meio de sondagem do “eu lírico”. Estes elementos são representativos da escola simbolista, a qual se caracteriza, entre outras coisas: pela busca de uma concepção mística da vida; ênfase na imaginação e fantasia; tom altamente poético; e na utilização de processos como a associação das idéias, representadas principalmente por figuras de linguagem (Cf. BOSI, 1994 p. 261-300).

No soneto *O Violino*, publicado em 1909, identificamos claramente a influência do simbolismo na escrita desta poetisa. Vejamos o referido poema:

Magno instrumento a tua voz parece / A voz do coração que á gente fala: – / Ninguém te ouvindo o seu pezar esquece, / Ninguém te ouvindo os seus sorrisos cala... // Quando, ou tranqüilo e doce como aparece / Ou presto e alegre um som de ti revela, / – Queixa de quem magoas de amor padece / Canto de quem feliz amor propala, // O sêr que bebe o influxo soberano / Das emoções diversas de teu peito / Que pulsa e vibra como o peito humano, // Presa de enleio e de fascinação / Pensa um momento que tu foste feito / Das próprias cordas do seu coração... (PEREIRA *in*: COSTA, 1909, p. 201)

Outro elemento bem explorado por Edwiges em suas poesias, é uso do recurso da imagem, como forma de enriquecimento do texto poético, proporcionando ao leitor uma extensão do seu pensamento. E isto, ela faz isto com maestria, como podemos verificar no poema *A Caça*, que faz parte do livro manuscrito, *Horas Inúteis*, mas que não conta na versão publicada em 1960. Vejamos abaixo este poema:

Toma a velha espingarda e, pressuroso, / Ruma ao centro da mata onde sabia / Buscar o passaredo ao fim do dia / No galho amigo o conhecido pouso. // E no intento da caça prosseguia / Mais correndo que andando, e jubiloso / Antevia o sucesso, o intenso goro / Que a queda de um pardal lhe causaria. // Nêsse instante a avesinha inconciente, / Cantando espalma as azas docemente / No aconchego feliz da prole amada. // E o caçador, que é pai, e á cena assiste, / Deixa o gatilho... e a tentação resiste, / Receia e... volta pela mesma estrada. (PEREIRA, [s/d], p. 118-119)

Na sua folha bibliográfica, publicada em junho de 1928 na *Revista da Academia Pernambucana de Letras*, Edwiges de Sá Pereira afirmou que entre os escritores brasileiros que influenciaram a sua formação, estão os brasileiros: Olavo Bilac, Luiz Murat, Raymundo Correia, Alberto de Oliveira, Auta de Souza, Julia Lopes de Almeida, José de Alencar e Carneiro Villela; já entre os autores internacionais, estão: Maria Amalia Vaz de Carvalho, Julio Dantas, Eça de Queiroz, Carlota Bronte, Maria de Stael, Mathilde Serão, De Amicis E Rostand (Cf. PEREIRA, 1928, p. 31).

Ressaltamos que dentre estes autores, encontramos poetas que tiveram uma grande contribuição para a difusão das escolas literárias que influenciaram a autora, como: os poetas Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e Raymundo Correia, que segundo os críticos literários, constituíram a trindade parnasiana no Brasil; e a simbolista Auta de Souza, considerada como um dos expoentes da poesia religiosa no país.

A diversidade nas abordagens dos temas poéticos

Analisado as poesias de Edwiges de Sá Pereira, não identificamos a presença de uma temática dominante em seus textos, o que encontramos foi uma grande diversificação no que se refere aos temas abordados por esta autora.

Assim, devido a impossibilidade de trabalharmos todas as temáticas explorado por esta poetisa, decidimos centrar as nossas análises nas poesias que possuem temas que estão fortemente ligados a sua personalidade, poemas que revelam um pouco da sua história, pois como afirma Fernando Paixão: “Na poesia, mais do que nas outras artes, a história comprova que a vida e a obra dos artistas não são coisas separadas; ao contrário, se complementam, correm para o mesmo risco, estão na mesma aventura” (1991, p. 23).

Iniciamos a nossa análise da vida-obra de Edwiges, destacando a temática referente a natureza, a vida do campo, onde a poetisa passou toda a sua infância e começou a escrever os primeiros versos, conforme o depoimento que fez a Dulce Chacon, no qual revelava que: “O afastamento dos rumores da Capital, o sossego, a calma que são como o apanágio da vida campesina mais afervoraram o meu amor ao estudo, à literatura em geral e à poesia em particular” (PEREIRA *apud* CHACON, 1979, p. 261-262).

Um de seus poemas que mais representa esta temática é *Bucolica*, publicado em 1960, no qual encontramos algumas características do cotidiano de uma família do

campo, as quais provavelmente foram vividas ou presenciadas pela própria Edwiges. Vejamos o referido poema:

A cena é simples: na sala estreita, / Que uma candeia baixa ilumina, /
O pai falando sôbre a colheita / Conta os trabalhadores daquele dia. //
E o bom vizinho rapaz disposto, / Perfeito tipo lá do sertão – / Parece
que ouve com muito gosto / Os pormenores da narração. // A avó,
sentada num velho estado, / – Rosário prêso nas mãos trementes, /
Ganha a indulgência dos seus pecados / Com o “padre-nosso” dos
penitentes. // A mãe, cuidosa balança a rêde / Ninando o filho mais
pequenino, / E, olhando um quadro da Virgem, pede / Que seja a
guarda do seu destino. // E a filha, a moça que está paciente, /
Bordando um lenço côr de linho, / De vez em quando, furtivamente, /
Permuta olhares com o bom vizinho. (PEREIRA, 1960, p. 93-94)

No soneto *Amor*, publicado em 1960, verificamos através do “eu lírico”, a autora revela não ter condições de falar sobre este sentimento, pois nos versos deste poema, ela afirma que não sabe o que é o amor, que desconhece tal sentimento, e que, portanto não podia falar sobre o mesmo a partir das suas próprias experiências. Vejamos o referido poema:

Eu não sei o que é amor, e tu queres que eu te diga / Sôbre um tema
tão velho uma cousa tão nova / Que a tôda alma convença, a tôda
comova / E aumente mesmo a fé nesta legenda antiga. // Por que
exiges que tanto a inspiração consiga / Se o destino jamais revelou-me
esta prova? / Nem tento pedir-lhe: a recusa renova, / E eu não sei se o
deploro... e eu não sei se o bendiga. // Os que amaram, do amor
contam cousas bizarras! / – Amor, luta infeliz e calma indefinida, /
Ave mansa e gazil, fera de enormes garras... // Seja treva ou clarão,
ventura, pranto e dor / Seja, se o diz quem sabe o que é amor na vida...
/ – Eu não sei o que diga, eu não sei o que é amor. (PEREIRA, 1960,
p. 15-16)

Outra temática presente em suas poesias é a crítica social, a exploração do ser humano, principalmente do ser feminino; no soneto *Mãe-Preta*, publicado em 1960, temos um excelente exemplo de como ela trabalha esta questão nos seus versos, pois neste a autora “[...] nos faz refletir sobre a situação e subserviência que vivia a mulher negra a quem era negado o direito de amamentar o próprio filho, e que era tratada como mercadoria sem o direito de decidir sobre o seu corpo” (ALMEIDA; SILVA, 2005, p. 49). Vejamos:

(Impressão de um quadro de Lucilio de Albuquerque)

Nédia, rosada, a criança loira suga / De um seio negro o leite até fartar, / Leite que ali se vende ou se aluga / – Posse de um outro dono, a se usurpar. // Sob a pressão dos dedos ainda estuga / Mãe-Preta o nível líquido a vazar: / Não tem direito de conter-lhe a fuga, / Não tem direito de o querer poupar. // Mas esse olhar de amor que ao filho assiste, / – Para que toda nele se concentre / A mãe, quer seja branca ou não o for // Não o dá Mãe-Preta ao infante alheio: triste / Volve-o ao fruto malsão que trouxe ao ventre: / – Calvário de sua alma e de seu tãbor! (PEREIRA, 1960, p. 119-120)

Edwiges era católica praticante, sempre assistia as missas da Paróquia do Espinheiro, esta religiosidade também se fez presente na sua produção literária, pois entre seus trabalhos, encontramos alguns poemas referentes a temática religiosa, entre elas destacamos o soneto *Nossa Senhora*, publicado em 1960, no qual ela expressa claramente a fé e devoção que tem pela Virgem Maria. Vejamos agora, este poema:

Virgem Maria, é doce Mãe piedosa / Fonte de luz que exalta a minha crença / Vós que viveis nessa planura imensa / Ante a glória de Deus, pura e formosa, // E assim reinais nos céus, tão venturosa / Que até minha alma muitas vezes pensa / Ver-vos sorrir na luz doirada e intensa / Da estrela mais gentil e mais radiosa. // Vós que brilhai no meio dos meus sonhos / Melhor que o sol dos dias mais risonhos / Que além deixei na estrada percorrida // Dae-me que seja a fé que a vós me prende / A força que me ampara e me defende / Ante a maldade e as traições da vida. (PEREIRA, 1960, p. 129-130)

Acreditamos que esta diversificação na produção poética de Edwiges, pode ser explicada pela dinamicidade que foi a sua vida, que reflete as suas indagações, sentimentos, anseios etc., que tenha sido uma das formas encontradas por ela para compartilhar seus pensamentos, pois como acredita a professora Luzilá Ferreira, todo poema: “[...] deseja antes de tudo ser compartilhado por pessoas que fazem parte de uma comunidade, que vivem num aqui e agora determinado, que sentem, falam e sobretudo agem sobre o meio em que vivem” (2004, p. 21).

Uma visão sobre a poetisa

A escritora pernambucana Edwiges de Sá Pereira entrou para o mundo da literatura com o livro *Campesinas*, primeiro trabalho realizado pela autora, e saiu de cena com o livro *Horas Inúteis*, último trabalho que escreveu antes de falecer. Coincidência ou não, o seu primeiro e último livro foram de poesias, nos quais ela demonstrava ter uma incrível sensibilidade de expressar o sentimento humano, nos quais falou sobre o outrem, mas muitas vezes falou de si mesma. Acreditamos que,

através dos versos que aqui analisamos, conseguimos mostrar um pouco mais desta mulher, que entrou para a história de Pernambuco, por ser uma pioneira na luta pela igualdade entre os sexos, nas questões educacionais e no campo literário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Andreza Cristina da Paz; SILVA, Maranhão Barbosa da. Edwiges de Sá Pereira: uma mulher à frente de seu tempo. *In*: FERREIRA, Luzilá Gonçalves (Org.). **A escrita da nova mulher**. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2005. p. 31-53.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 42 ed. São Paulo: Cultrix, 1994. 528p.

CHACON, Dulce. **Medo de Criança**. Memória. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1979. 524p.

COSTA, Gaspar Regueira. **Amanak Litterario Pernambucano para o anno de 1910**. Recife: Imprensa Industrial, 1909. p. 201.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Edwiges de Sá Pereira. *In*: _____. **Em busca de Thargélia**: poesia escrita por mulheres em Pernambuco no segundo oitocentismo (1870-1920). Recife: FUNDARPE, 1996. Tomo II. p. 73-85.

_____. Quando as mulheres escrevem (Prefácio). *In*: SIQUEIRA, Elizabeth Angélica Santos (Org.). **Retratos**: a poesia feminina contemporânea em Pernambuco. Recife: Bagaço, 2004. p. 19-21.

LEMOS, Mariano. Edwiges de Sá Pereira. *In*: _____. **História Geral da Literatura Pernambucana**. Antologia – Poetas da Academia Pernambucana de Letras (séculos XVI-XX). Recife: APL, 1955. p. 129-136.

LIVRO de Actas das sessões Extraordinarias e de Assembléa Geral. Recife, 1931-1937.

PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia?**. São Paulo: Brasiliense, 1991. 103p.

PEREIRA, Edwiges de Sá. Folha bio-bibliographica. *In*: **Revista da Academia Pernambucana de Letras**. Recife, ano III, n. 3, jun. 1928. p. 28-31.

_____. **Horas inúteis**. Recife: [Manuscrito], [s/d]. 125p.

_____. **Horas inúteis**. Recife: Imprensa Oficial, 1960. 132p.

WANDERLEY, Kleiton Ricardo. Edwiges de Sá Pereira: horas inúteis da poesia feminina pernambucana. *In*: MATOS, Adriana Dória *et al.* **Da letra à voz**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2008. p. 111-121.